



# Estratégia contra grupo de Leite

Felipe Dalla Valle / Palácio Piratini

O agora ex-governador paulista João Doria (PSDB) admitiu ter sido uma “estratégia política” anunciar que permaneceria no cargo e, horas depois, renunciar ao Palácio dos Bandeirantes. Ele disse que o objetivo foi garantir o apoio do partido à sua pré-candidatura à Presidência da República.

Segundo Doria, houve um planejamento prévio para que o presidente do PSDB, Bruno Araújo, tivesse de se manifestar publicamente em apoio a seu nome. “Diria que foi um comportamento estratégico. Isso faz parte da vida política também: ter estratégia para poder construir caminhos e solidificar esses caminhos. Não se pode agir apenas emocionalmente, a política exige raciocínio, e eu aprendi a ter raciocínio no setor privado. Isso (o boato de que desistiria da corrida ao Planalto) foi para fortalecer a nossa candidatura e o PSDB”, frisou. “Não houve desistência, houve, sim, um planejamento para que pudéssemos ter aquilo que conseguimos, o apoio explícito do PSDB a partir de seu presidente, Bruno Araújo. A carta que ele assinou hoje (ontem) não deixa nenhuma dúvida nem agora nem depois.”

A movimentação, porém, aumentou o desconforto e a divisão no partido. Pela manhã, quando Doria anunciou que ia permanecer no governo, o então vice-governador Rodrigo Garcia chegou a entregar o cargo na Secretaria de Governo. Garcia, que agora assume a gestão estadual, vai concorrer à reeleição em outubro. Os dois tiveram uma reunião tensa ontem.

No pronunciamento no final da tarde, no Palácio dos Bandeirantes, quando confirmou sua disposição de ser candidato ao Planalto, Doria tentou mostrar unidade. Classificou Garcia como um “amigo, colega e parceiro leal e dedicado” e destacou que teve o “privilegio” de governar com ele ao longo dos últimos três anos graças a sua decisão de “delegar força, poder e autonomia ao vice”.



Eduardo Leite na cerimônia de transmissão de cargo do governo gaúcho: sombra para Doria

## Respeito às prévias

Na carta enviada aos principais líderes do partido, o presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo, defendeu, pela primeira vez, o resultado das prévias. “Venho, por meio desta, reafirmar que o candidato a presidente da República pelo PSDB é o governador do estado de São Paulo, João Doria, escolhido democraticamente em prévias nacionais realizadas em novembro de 2021. As prévias serão respeitadas pelo partido”, escreveu. “O governador tem a legenda para disputar a Presidência da República. E não há nem haverá qualquer contestação à legitimidade da sua candidatura pelo partido.”

Em novembro do ano passado, Doria venceu as prévias tucanas nas quais teve como adversários o então governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, e o ex-prefeito de Manaus Arthur Virgílio. De lá para cá, no entanto, uma ala da sigla tenta reverter a decisão e abrir caminho para a candidatura de Leite. “Isso seria admitir que o PSDB se tornou um partido golpista, e o PSDB não é um partido golpista”, enfatizou Doria.

Em recado direto a Leite, afirmou: “Quem dá golpe é ditadura, governo autoritário. Aliás, hoje é dia 31 de março, o dia do golpe militar. Então, quero lembrar ao Eduardo Leite que não caminhe por essa linha. Não queira se associar àqueles que gostam de golpear, de usurpar e até de roubar”.

Enquanto Doria reafirma estar na corrida pelo Planalto, Leite renunciou ao governo

gaúcho, mas não disse para qual cargo vai concorrer em outubro. “É um desfecho de uma decisão muito difícil tomada a partir de muita reflexão, mas eu não podia me omitir quando o que está em jogo é a esperança”, discursou na Assembleia Legislativa. “Como já disse, eu não saio, eu me apresento como representante de uma geração que não se conforma com a armadilha política que se montou contra o próprio Brasil, com a ânsia de futuro, com desejo de mudança, disposto a trabalhar politicamente, com uma agenda que mereça as melhores perspectivas.”

Na entrevista coletiva após a renúncia, destacou: “É incerto dizer o que as próximas semanas me reservam, não vai ser individual. É a hora de buscar a diversidade de pensamento e essa composição que produz a força criativa”. (Agência Estado e Tainá Andrade)

# Por novo partido, Moro deixa disputa

» RAPHAEL FELICE  
» TAINÁ ANDRADE

Marcelo Camargo/Agência Brasil



**Serei um soldado da democracia para recuperar o sonho de um Brasil melhor”**

Sergio Moro, ex-ministro

“Foi mais de um ano de conversas até a filiação de Sergio Moro e o lançamento de sua pré-candidatura à presidência da República pelo Podemos, sempre respeitando seu momento de vida profissional e pessoal e trabalhando para oferecer ao Brasil uma esperança contra a polarização dos extremos”, ressaltou. “Para surpresa de todos, tanto a Executiva Nacional quanto os parlamentares souberam via imprensa da nova filiação de Moro, sem sequer uma comunicação interna do ex-presidenciável.”

No encerramento da nota, Renata Abreu deu uma alfinetada ao ex-ministro. “Seguiremos focados para apresentar aos brasileiros e brasileiras uma alternativa que olhe nos olhos sem titubear. É que, com firmeza de propósitos, nunca desista de sonhar.”

**Para surpresa de todos, tanto a Executiva Nacional quanto os parlamentares souberam via imprensa da nova filiação de Moro, sem sequer uma comunicação interna do ex-presidenciável”**

Renata Abreu, presidente nacional do Podemos

## Saiba mais

### Exigência do União Brasil

O ex-ministro Sergio Moro tem aliados no União Brasil, como os deputados Júnior Bozzella e Kim Kataguiri (SP), mas uma ala de caciques oriundos do DEM, comandada pelo secretário-geral da legenda, ACM Neto, e pelo governador de Goiás, Ronaldo Caiado, não quer tê-lo como candidato a presidente. O gestor goiano disse que a entrada do ex-juiz na sigla foi feita sob o compromisso de ele “assumir que não será candidato a presidente e que vai disputar a eleição para deputado federal em São Paulo”.

Segundo Bozzella, Moro decidiu se filiar ao União durante um jantar com Bivar na segunda-feira. Ontem à tarde, ele teve um encontro com representantes do partido. Essa reunião se deu a portas fechadas em uma área reservada e coberta por cortinas no restaurante Tarsila, nos fundos do Hotel Intercontinental. O estabelecimento foi escolhido por Moro, nos últimos meses, para se hospedar e fazer reuniões reservadas na capital paulista.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



# Moro joga a toalha; Doria, ainda não

Quinta-feira movimentada no xadrez das eleições presidenciais. O ex-juiz da Lava-Jato Sergio Moro deixou o Podemos e se filiou ao União Brasil (PSL+DEM) para ser candidato a deputado federal por São Paulo, como “puxador” de votos da legenda. Depois de um acesso de fúria na quarta-feira, no qual denunciou a traição dos aliados e ameaçou permanecer no cargo, o governador de São Paulo, João Doria, ontem, manteve sua candidatura a presidente da República. Na despedida de ministros que deixaram os cargos para disputar as eleições, o presidente Jair Bolsonaro defendeu a ditadura militar e voltou a atacar o Supremo Tribunal Federal (STF). Vamos por partes.

A surpreendente decisão de Sergio Moro, que desistiu da candidatura à Presidência e trocou o Podemos pelo União Brasil, muda o cenário eleitoral em favor do presidente Jair Bolsonaro. O projeto de Moro sempre foi tomar os votos dos eleitores de Bolsonaro descontentes com sua atuação à frente do governo federal. No primeiro momento, no auge da pandemia de covid-19 e da recessão, o projeto parecia ter consistência, mas Bolsonaro mostrou-se muito resiliente e manteve sua base eleitoral mais ideológica.

A franja capturada por Moro, cuja narrativa sempre esteve centrada na bandeira da ética, não se sobrepôs à força de agregação do governo como forma mais concentrada de poder. Como Bolsonaro está com sua vaga no segundo turno quase garantida, frustraram-se os planos de Moro, em especial porque esse cenário dificultou ainda mais o apoio interno no Podemos, cuja bancada de senadores se tornou refratária à candidatura. Com Álvaro Dias candidato ao Senado e o ex-procurador Deltan Dallagnol à Câmara, no Paraná, a melhor opção para Moro passou a ser disputar uma vaga de deputado federal em São Paulo, para ser o mais votado do Brasil. A possibilidade de ainda ser candidato a presidente da República, aventada no comunicado que Moro distribuiu, é mera formalidade.

## Incêndio no ninho

Doria deixa o governo de São Paulo sob um ataque de piranhas. Na cena em que reafirmou a intenção de ser o candidato a presidente do PSDB, no Palácio dos Bandeirantes, na qual erguia o braço do presidente do PSDB, deputado Bruno Araújo (PE), era ostensivo o constrangimento: nos ritos eleitorais, deveria ser o contrário. Em nenhum momento Araújo sorriu, pois é um dos dirigentes da cúpula do PSDB que sonham com a desistência de Doria, para que o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, derrotado nas prévias pelo governador paulista, venha a ser, de fato, o candidato da terceira via.

Foram 24 horas de muita tensão interna no PSDB, a partir do momento em que Doria, numa reunião muito tensa, acusou o vice Rodrigo Garcia de conivência com as articulações para remover sua candidatura à Presidência. Essas articulações são lideradas pelo deputado Aécio Neves (MG), desafeto fidalgo de Doria, e outras lideranças tucanas, como o senador Tasso Jereissati (CE) e o ex-senador José Aníbal (SP).

Até aí, era jogo jogado, mas o governador paulista saiu do sério quando soube que a bancada paulista estava só esperando sua saída do Palácio dos Bandeirantes para entrar no jogo bruto contra sua candidatura. Foi aí que sobrou para Garcia, o vice-governador responsável pela articulação eleitoral em São Paulo, que também se comprometeu a bancar a candidatura de Doria à Presidência. É preciso ver para crer.

## Bolsonaro na ofensiva

Tanto a desistência de Moro quanto as dificuldades de Doria ampliam a possibilidade de uma candidatura unificada da terceira via, porém, no momento, objetivamente, quem mais se beneficia dessa situação é o presidente Jair Bolsonaro. As pesquisas estão mostrando que o presidente da República começa a recuperar gradativamente sua popularidade, encurtando a distância em relação ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em tese, seria uma oportunidade para Bolsonaro acenar aos eleitores mais moderados, deixando de lado a radicalização do seu discurso político. Mas não é isso o que está acontecendo.

Bolsonaro, ontem, voltou a enaltecer o golpe militar de 1964, endossou a nota do ministro da Defesa, Braga Netto, que deixou o cargo para ser seu vice. E novamente atacou o Supremo Tribunal Federal, com declarações desrespeitosas: “Nós, aqui, temos tudo para sermos uma grande nação, para sermos exemplo para o mundo. O que falta? Que alguns poucos não nos atrapalhem. Se não tem ideias, cale a boca! Bota a tua toga e fica aí sem encher o saco dos outros! Como atrapalham o Brasil!”

Ontem, além de Braga Netto, deixaram o governo os ministros Tarcísio Gomes de Freitas (Infraestrutura); João Roma (Cidadania); Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos); Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia); Onyx Lorenzoni (Trabalho); Flávia Arruda (Governo); Tereza Cristina (Agricultura); Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional) e Gilson Machado (Turismo). Todos serão candidatos nas eleições. Alguns, a governador, como Tarcísio de Freitas e João Roma, em São Paulo e Bahia, respectivamente; outros, ao Senado, como Tereza Cristina, por Mato Grosso do Sul, e Flávia Arruda, por Brasília.